

UNB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS/UAB

**O ENSINO DE ARTE E OS TONS DE PELE
COM ADOLESCENTES DO INSTITUTO VIVER
MELHOR**

Eliza Dorotéia Guimarães Reis

BRASÍLIA-DF

Eliza Dorotéia Guimarães Reis

**O ENSINO DE ARTE E OS TONS DE PELE
COM ADOLESCENTES DO INSTITUTO VIVER MELHOR**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Departamento de Artes
Visuais do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília como requisito
básico parcial para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Artes Visuais/UAB.**

Orientação:

**Prof. Dra. Maria do Carmo Couto da Silva
tutoria de Profa. Dra. Mariana Bertelli Pagotto**

**Brasília-DF
2023**

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me dado forças e sabedoria para concluir este curso. Aos meus filhos Jacqueline, James e Manoel Junior que me apoiaram, incentivaram e sofreram as consequências de minha ausência, mesmo presente fisicamente em casa, mas concentrada em atividades, estudos e trabalhos da faculdade.

Em especial quero agradecer a minha filha Jacqueline que me inscreveu no vestibular da UAB-UNB, acreditando na minha capacidade, sabendo que eu tinha o sonho de ser professora de artes, mesmo já tendo a formação de Bacharel em Artes Visuais.

Tenho imensa gratidão à minha orientadora, a Professora Maria do Carmo Couto da Silva, que sempre atendeu com muito carinho e atenção; em momentos difíceis que pensei até em desistir; foi paciente, me incentivou o tempo todo, disponibilizando e indicando materiais. Tornou-se um exemplo de docente que exerce sua profissão com amor, dedicação e muito profissionalismo.

Agradeço também à tutora Mariana Bertelli Pagotto que fez correções em meu Trabalho de Conclusão de Curso, de forma bem clara e objetiva, também se dispondo a auxiliar quando necessário, ajudou-me muito. Sem as suas orientações, não seria possível concluir esta pesquisa.

Este projeto *O Ensino de Arte e os Tons de Pele*, é resultado de estudos e pesquisas durante os quatro anos no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNB-UAB. Cada professor, com sua singularidade, acrescentou conhecimento e aprendizado à minha formação. Admiro e respeito todos, inclusive as coordenadoras Maria Del Rosario e Ana Karolina, que também nos deram suporte durante todo o processo de ensino e aprendizagem neste curso.

Cada dia me sinto agradecida por fazer parte deste ofício de docência do ensino de Arte, pois acredito e comprovei por meio do estudo de caso e pesquisa, que a arte é um grande instrumento de expressão individual, coletiva e social; reflete e registra fatos, circunstâncias, pessoas e sentimentos; sendo capaz de tocar, sensibilizar, conscientizar e provocar mudanças e transformações.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| CAPITULO 1 – EMBASAMENTO TEÓRICO..... | 11 |
| CAPÍTULO 2 - IDENTIFICANDO TONS DE PELE | 24 |
| CAPITULO 3 - O ENSINO DE ARTE E OS TONS DE PELE..... | 53 |
| CONCLUSÃO | 57 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: | 59 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Pintura da aluna 1 com tom "cor de pele" | 14 |
| Figura 2 - Mão gravada na Caverna de Chauvet, na França..... | 18 |
| Figura 3 - Trabalho Humanae Angelica Dass | 21 |
| Figura 4 - Retrato de Laura de Dianti. Ticiano (1523) | 26 |
| Figura 5 - Projeção Slides Projeto Humanae | 27 |
| Figura 6 - Slide 1: Fala Angélica Dass | 28 |
| Figura 7 – Slide2: Fala Angélica Dass..... | 28 |
| Figura 8 - Slide 1 Objeto de Aprendizagem | 30 |
| Figura 9 - Slide 2 Objeto de Aprendizagem | 30 |
| Figura 10 - Slide 3 Objeto de Aprendizagem | 31 |
| Figura 11 - Slide 4 Objeto de Aprendizagem | 31 |
| Figura 12 - Tom de pele aluno "5" | 32 |
| Figura 13 - Tom de pele aluno "8"..... | 32 |
| Figura 14 - Tom de pele aluna "2"..... | 33 |
| Figura 15 - Tom de pele aluna "3"..... | 33 |
| Figura 16 - Tom de pele aluno "6"..... | 33 |
| Figura 17 - Tom de pele aluna "9"..... | 34 |
| Figura 18 - Tom de pele de aluna "10" | 34 |

| | |
|--|----|
| Figura 19 - Tom de pele aluno “11” | 34 |
| Figura 20 - Retrato de Madame Claude Lambert de Thorigny..... | 37 |
| Figura 21 - Mestiço, Portinari (1934) | 38 |
| Figura 22 - Lavrador de café, Portinari (1934)..... | 38 |
| Figura 24 - Autorretrato, Tarsila do Amaral (1926)..... | 38 |
| Figura 23 - Autorretrato, Vincente Van Gogh (1889) | 38 |
| Figura 25 - Operários, Tarsila do Amaral (1933)..... | 39 |
| Figura 26 - Aluno “8” indicando a sua cor | 40 |
| Figura 27 - Autorretrato aluna “1” antes do estudo da pesquisa..... | 42 |
| Figura 28 - Autorretrato aluna “1” após o estudo da pesquisa | 42 |
| Figura 29 - Terras coletadas e peneiradas | 44 |
| Figura 30 - Alunos pintando seus tons de pele (1)..... | 45 |
| Figura 31 - Alunos pintando seu tons de pele (2) | 46 |
| Figura 32 - Pintura do aluno “5” (mão aluno 8 e sua mão esquerda p/ direita).. | 46 |
| Figura 33 - Pintura da mão (aluna ‘3’) | 47 |
| Figura 34 - Pintura da mão (aluno “6”) | 47 |
| Figura 35 - Painel organizado pelos alunos | 48 |
| Figura 36 - Momento de compartilhamento sobre os tons de pele..... | 49 |
| Figura 37- Aluno 5 demonstrando no painel (1)..... | 49 |
| Figura 38 - Aluno 5 demonstrando no painel (2)..... | 50 |
| Figura 39 - Aluno 5 e as cores de terra que usou..... | 51 |
| Figura 40 - Projeção atividade alunos Objeto de Aprendizagem..... | 52 |
| Figura 41 - Mão do aluno "8" pintada pelo aluno "5" | 53 |
| Figura 42 - Mão do aluno "8" pintada por ele mesmo..... | 53 |

RESUMO

Esta pesquisa procura demonstrar a relevância do ensino de arte no entendimento, reflexão e análise de como adolescentes e jovens se relacionam, se reconhecem e se identificam com o seu real tom de pele. O olhar para si mesmo, muitas vezes pode ser um processo doloroso, enxergando fraquezas e limitações; aceitando e entendendo que muitas são inerentes à nossa escolha, provenientes de características natas, hereditárias e do contexto social, cultural e político no qual estamos inseridos.

Por meio do estudo do *Projeto Humanae de Angélica Dass*, percebemos como a cor de pele humana possui vários tons, os quais ressaltam a singularidade de cada um; demonstrando-nos que, na realidade não nos enquadrados nos tipos de raças já estabelecidos e enquadrados no sistema do racismo estrutural.

O autorretrato, foi escolhido como tema das atividades, por ser uma forma de expressão artística com aspectos subjetivos e individuais. Foi estudado durante os períodos da época colonial, Arte Moderna até a Arte Contemporânea. Os processos de criação abrangeram atividades de desenhos e pinturas; utilizando-se materiais alternativos como terras de cores variadas.

Os alunos vivenciaram o olhar de si mesmo e do outro, por meio do ensino aprendizagem abrangendo teoria e prática de maneira harmoniosa e concisa. A autonomia, a autoestima, bem como a diversidade e a coletividade; estavam inseridas em todo o processo desta práxis.

Ao se reconhecer com sua verdadeira identificação, assumindo seu tom de pele; o estudante se encontra mais preparado para enfrentar as dificuldades, consciente de seu valor e capacidade para agir com resiliência, não abrindo mão de seus valores e identidade.

Palavras-chaves: Ensino de artes; Angélica Dass; Projeto Humanae; Racismo Estrutural.

ABSTRACT

This research seeks to demonstrate the relevance of art teaching in understanding, reflecting and analyzing how adolescents and young people relate, recognize and identify with their real skin tone. Looking at yourself can often be a painful process, seeing weaknesses and limitations; accepting and understanding that many are inherent to our choice, arising from innate, hereditary characteristics and the social, cultural and political context in which we are inserted.

Through the study of the Humanae Project by Angélica Dass, we realized how human skin color has several tones, which highlight the uniqueness of each one; demonstrating that, in reality, we do not fit into the types of races already established and framed in the system of structural racism.

The self-portrait was chosen as the theme of the activities, as it is a form of artistic expression with subjective and individual aspects. It was studied during periods from colonial times, Modern Art to Contemporary Art. The creative processes included drawing and painting activities; using alternative materials such as earth of different colors.

Students experienced the perspective of themselves and others, through teaching and learning covering theory and practice in a harmonious and concise way. Autonomy, self-esteem, as well as diversity and collectivity; were inserted in the entire process of this praxis.

By recognizing yourself with your true identification, assuming your skin tone; the student is more prepared to face difficulties, aware of their value and ability to act with resilience, not giving up their values and identity.

Keywords: Arts teaching; Angélica Dass; Humanae Project; Structural Racism

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu quando me conscientizei que o ideal de branquitude (como um conceito gerado por uma sociedade cuja estrutura social e história estão ligadas a questões raciais) ainda estava presente na mente dos estudantes. Nestes casos, assumir a cor de pele é como renascer, recomeçar e se auto identificar com o grupo ao qual pertencem: “afrodescendentes”. Mas não é tão fácil assim, em meio aos preconceitos e ideologias racistas que permeiam em nossa sociedade.

Por meio de um estudo de caso sobre *O Ensino de Arte e Os Tons de Pele* com uma turma de adolescentes participantes de um projeto de contra turno do Instituto Viver Melhor, em Aparecida de Goiânia-GO, realizei uma pesquisa sobre o desenvolvimento de práticas artísticas, como o autorretrato, relacionando-as às questões raciais.

Neste contexto, tive como intuito problematizar não somente as relações com o processo criativo, o qual fluiu por meio das narrativas e imagens que envolveram a produção em autorretrato, mas, também, reiterar a relevância do papel da docência em artes, como agente ativo na produção de conhecimento, a partir de obras de artistas com a proposição da autorrepresentação, autoconhecimento e racismo.

Alves (2022), ressalta que uma forma de educar direcionada para a equidade racial irá efetivamente fazer com que a escola ressignifique seu papel social, e potencialize as práticas efetivas de uma Educação para as Relações Étnico-raciais.

Como direcionamento neste percurso de nossa pesquisa, escolhemos o *Projeto Humanae* da artista Angélica Dass, a qual por meio da fotografia investiga as questões de gênero, identidade, miscigenação e cor na arte contemporânea brasileira.

Humanae é uma busca para destacar os tons sutis-contínua da cor de pele que fazem mais diferença do que a igualdade... as nossas verdadeiras cores, ao invés do falso vermelho e amarelo, somos mais do que preto e branco. (DASS, 2012 apud WANDEKOKEN, 2017, p. 84)

Para a pesquisa aqui apresentada utilizamos textos que abordam questões que remetem às práticas artísticas e outras vertentes sobre a figura do negro, e as obras que tenham relações com os temas convergentes de identidade, etnia, miscigenação e cor. Serão trabalhados os conteúdos: Teorias da Cor, autorretrato, desenho e pintura.

Durante o percurso do fazer artístico, os alunos tiveram a oportunidade de experimentar, desenvolver e perceber uma poética pessoal, perpassando pelas dimensões de criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão; e perceber que, na realidade, os seres humanos não podem ser categorizados por apenas quatro cores, pelo contrário, existe uma infinidade de tons, como nos revela Angélica Dass de uma forma muito agradável:

Eu nasci numa família cheia de cores. Meu pai é filho de uma empregada doméstica de quem ele herdou um tom de pele chocolate intenso. Ele foi adotado por pessoas que conheço como meus avós. A matriarca, minha avó, tem pele de porcelana e cabelos brancos como algodão. Meu avô tinha um tom de pele entre iogurte de baunilha e de morango, assim como meu tio e meu primo. Minha mãe tem pele cor de canela, filha de uma brasileira com uma pitada de avelã e mel e um homem com pele cor de café com leite, mas com muito café. Ela tem duas irmãs. Uma delas tem a pele na cor de amendoim torrado e a outra, também adotada, está mais para bege, como uma panqueca. (DASS, 2016b apud WANDEKOKEN, 2017, p. 74)

BNCC: questões contemporâneas

Esta pesquisa foi um instrumento de ensino aprendizagem para o desenvolvimento da competência específica de arte para o Ensino Fundamental da BNCC: Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades (BRASIL, 2018, p. 198).

Foi feito um percurso sobre a história da arte e o colonialismo, abordando temas como eurocentrismo e arte contemporânea. Segundo Kátia Canton:

A arte requer também conhecimento sobre história, da arte e do mundo, para que, com esse conhecimento, se possa traçar um grande número de relações. Enfim, arte é ver com os olhos e com os outros sentidos. É também ver com as emoções e com a história. (CANTON, 2001 p. 110)

O ensino de arte é, e sempre será o caminho para que nossos olhos enxerguem aquilo que não está posto à vista, mas está nas entrelinhas; desperta nosso entendimento

para questões adormecidas, e nos faz ver a nós mesmos e ao outro além das aparências físicas, através de reflexões, contribuindo para o senso crítico, a autonomia e a autoestima. Não poderemos nos conformar com uma sociedade formatada por raças, sabendo que somos únicos e distintos uns dos outros. Precisamos nos conhecer, nos aceitar e valorizar nossas características, independentemente de nossa origem ou matriz racial, sair da redoma implantada pelo eurocentrismo.

Este projeto se propõe como um instrumento de reflexão e conscientização da nossa realidade social, ainda influenciada pelo racismo estrutural; contribuindo para o desenvolvimento de habilidades que potencializem os alunos à capacidade de se auto identificarem, e valorizarem seu tom de pele, sem preconceito e discriminação; de acordo com a BNCC:

O componente curricular Arte contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. (BRASIL, 2018, p. 193)

Segundo Anne Lafont, a cor da pele se tornou um marcador racial e foi no século XVIII, na era do Iluminismo, que os discursos estéticos associaram a raça branca por luz e desenvolvimento; e a raça negra por ausência e privação dos mesmos. O que auxiliou na propagação do conceito de que a inteligência era dividida entre os seres-humanos de acordo com a escala da cor de pele.

Ao estudarmos o Projeto *Humanae*, detectamos que ao fotografar as pessoas, Dass revela a diversidade das cores humanas, mostrando inclusive a escala Pantone de cada uma delas. O projeto questiona os tons de pele, e a hierarquia das cores, deixando claro que os seres humanos não podem ser definidos somente como brancos, negros, vermelhos e amarelos.

O *Humanae* é uma tentativa de ressaltar nossa verdadeira cor, em vez das não verdadeiras - branco, vermelho, preto ou amarelo, associadas à raça. É meio que um jogo que questiona nossas regras. É um trabalho em construção, de uma história pessoal a uma global. (DASS, 2016b apud WANDEKOKEN, 2017, p. 81)

O ensino de arte é o componente curricular, segundo a BNCC, que tem como competência específica: Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte (BRASIL, 2018, p.198).

Este projeto cumpre o que determina a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, devendo estes conteúdos serem ministrados especialmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e História nos níveis do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Por meio deste estudo de caso, foi proposto aos alunos em atividade de contraturno no Instituto Viver Melhor, todos frequentes em escolas públicas; momentos de se ver, se reconhecer, entender que as Artes Visuais possibilitam explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (BRASIL, 2018, p.195).

O objetivo geral deste projeto foi desenvolver e estimular por meio da pesquisa e apreciação de obras de arte e criação de produções artísticas o autoconhecimento, autoidentidade, diversidade e a reflexão sobre questões relacionadas ao racismo e os tons de pele.

Já os objetivos específicos da prática retirados da BNCC são: Pesquisar, apreciar e analisar retratos e autorretratos produzidos em artes visuais tradicionais e contemporâneas por artistas de diferentes épocas e matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de perceber os diferentes tons de pele e suas representações simbólicas na sociedade contemporânea; desenvolver processos de criação em artes visuais, com base nos temas da autoidentidade, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais alternativos, como a produção artesanal de tintas com pigmentos da natureza e Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética; e estimular o autorreconhecimento e apropriação das características físicas próprias de cada um, e promover a elevação da autoestima e o respeito à diversidade (BRASIL, 2018, p.207).

A execução do projeto foi organizada em 4 etapas, as quais denominamos de encontros, todos envolvendo uma práxis artística com embasamento teórico e a vivência artística. As aulas expositivas abordaram questões que envolvem o racismo desde o colonialismo, o conceito de eurocentrismo e racismo estrutural, concomitantemente com a projeção de imagens de obras que retratam a imagem do negro e afrodescendente em períodos diferentes da história da arte brasileira agregados de discussão e reflexão.

Foi trabalhado o tema autorretrato utilizando-se projeção de imagens de obras de artistas convencionais e contemporâneos; enfatizando o entendimento deste como uma expressão não somente física, mas subjetiva, uma expressão de personalidade, sonhos e inquietações.

Os alunos tiveram contato, por meio de vídeos e palestra, com o *Projeto Humanae* abordando a questão da diversidade e multiculturalidades. Foram orientados a fazer desenhos de autorretrato, colorindo-os com lápis de vários tons de pele, descobrindo o tom que mais aproxima da sua pele.

Foi elaborada uma oficina sobre a produção das tintas utilizando materiais alternativos; a projeção de vídeo e aula prática de demonstração. Atividades que trabalharam a identificação, observação e respeito ao outro, e ao final, um momento de compartilhamento, reflexão e análise do ensino e aprendizagem de todo o processo.

Os dados foram coletados por meio da observação de cada encontro, registros por meio de fotos e vídeos das produções e falas dos alunos. Foi colhida a autorização por escrito dos pais ou responsáveis, antes de iniciarmos as aulas.

O projeto que aborda o multiculturalismo e o ensino das relações étnico-raciais, mas com a sublimidade pertinente ao fazer artístico, envolvendo formas estéticas e poéticas de se ver e ver o outro.

CAPITULO 1 – EMBASAMENTO TEÓRICO

Esta pesquisa tem como questão principal a relevância do ensino de arte na descoberta dos variados tons de peles humanas; abordando temas relacionados ao racismo, autorreconhecimento e autoidentificação. O estudo das cores, monocromia e policromia e o autorretrato em sua concepção histórica, subjetiva e contemporânea.

O estudo responde à Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, devendo estes conteúdos serem ministrados especialmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e História, podendo posteriormente ser usado em parte ou em sua totalidade por docentes destas áreas.

O *Projeto Humanae* é uma referência artística e estética, que contribui para este estudo. Por meio da fotografia, Dass investiga, conduzindo à reflexões relacionadas às questões de gênero, identidade, miscigenação e cor na Arte Contemporânea brasileira.

Humanae é uma busca para destacar os tons sutis-contínua da cor de pele que fazem mais diferença do que a igualdade... as nossas verdadeiras cores, ao invés do falso vermelho e amarelo, somos mais do que preto e branco. (DASS, 2012 apud WANDEKOKEN, 2017, p. 84)

Fazem também parte dos referenciais teóricos da pesquisa, a tese de Helena Gomes dos Reis Pessoa intitulada Retrato/Autorretrato (2013); a dissertação de mestrado de Bruna Wandekoken, Cor, Retrato e Identidade: Humanae, O Olhar Sobre Si e Sobre o Outro na obra de Angélica DASS (2017); Autorretrato, Espelho de Artista de Katia Canton (2002) e Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social de Neusa Santos Sousa (1983).

Desde o início da pesquisa o estudo do racismo estrutural se fez necessário e evidente, o qual perdura há aproximadamente 500 anos em nosso país, sendo muito bem abordado na pessoa do negro e sua situação (SOUZA, 1983). Segundo a autora, **este** contexto estratificou o lugar de inferioridade racial ao africano, definindo como deveria tratar o branco e ser tratado por ele; subjungando-o ao estereótipo de um ser inferior e submisso. Herança da sociedade escravocrata, a desigualdade racial, que colocava o negro a reboque das populações nacionais, era preservada e reforçada pelo preconceito de cor que funcionava como mantenedor da hegemonia branca nas relações interraciais

(SOUZA, 1983, p. 22). Ainda nos dias de hoje, existem muitos que estão influenciados por esta ideologia de subjugar os que tem a pele de cor preta ou parda como se fossem inferiores ou com menos capacidade que o branco.

De acordo com SOUZA, o negro não possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, não viu outra saída a não ser a de ter como ideal o branco; pois a brancura, pelo interesse dos que detinham o poder, passou a ser comparada à pureza artística, nobreza estética, majestade moral, sabedoria científica, o belo, o bom e o justo. (SOUZA, 1983, p. 05). O próprio negro se encontrou à margem do caminho, precisando se reconhecer e valorizar para conquistar seu território e ocupar seu espaço de dignidade na sociedade.

Na cultura visual brasileira, conforme afirma Nelson Inocêncio, doutor em Artes:

O corpo negro aparece como a antítese do que se imagina como normal. É um corpo cuja representação está associada ao que há de mais caricato, como se ele existisse justamente para demonstrar o contrário do humano. O corpo negro amedronta, porque a ele foi atribuída uma noção de força que se sobrepõe ao intelecto. Esse mesmo corpo provoca risos, porque sua leitura está vinculada a comparações que o animalizam. (INOCÊNCIO, 2010, p. 185)

Percebe-se pela fala de Inocêncio, que a ideologia de cor implantada pelo colonialismo, subjuguou o negro, por sua cor de pele escura, consciente ou inconscientemente, a ser comparado ao oposto do que na época se considerava normal. A cor da pele neste sistema eurocêntrico, determina também as dificuldades ou facilidades que o indivíduo terá para ocupar um lugar de sucesso profissional e econômico na sociedade brasileira, como relata Inocêncio:

Se alguém possui aparência próxima das características comuns dos africanos, essa pessoa será objeto de construção social que implica em vários e significativos prejuízos. Se, porventura, acontecer o contrário, ou seja, o indivíduo portar características mais expressivas dos povos europeus, sua construção social será distinta, representando grandes vantagens. O trânsito pela sociedade se dará de forma mais tranquila, o que não o exclui de ser obstaculizado por outras construções sociais como a classe a que pertence, por exemplo. (INOCÊNCIO, 2010 p. 186)

Esta ideologia racista impôs às pessoas negras a ocupação de espaços na sociedade como subalternos. Muitas pessoas que tem a cor de pele negra ou parda, se

auto rejeitam, mentalizando uma imagem equivocada de si mesmo, como diz o ditado: o chamado “negro de alma branca”. Souza nos afirma ser esta frase de cunho racista criada pela mistificadora democracia brasileira, induzindo o negro a renegar seu estereótipo de comportamento negro para imitar e assumir outro que considera pertencer à “supremacia branca” (SOUZA, 1983 p. 11-12).

COMO NASCEU O PROJETO A ARTE E OS TONS DE PELE

Esta pesquisa iniciou quando fiz uma oficina de arte no Instituto Viver Melhor, uma associação civil sem fins econômicos, localizado na região da cidade de Aparecida de Goiânia-GO.¹ A oficina aconteceu no primeiro semestre de 2023, foi parte das horas aulas de meu estágio 3 (obrigatório como atividade prática durante o curso), a qual tinha como objetivo a experimentação da elaboração e pintura utilizando como componente cores variadas de terra; e proporcionar aos alunos a oportunidade de refletir sobre a presença do racismo em nossa sociedade

Percebi nitidamente no percurso da oficina, a influência ainda muito presente da ideologia implantada pelo racismo estrutural, quando levei os alunos a uma visita orientada ao Beco da Codorna², localizado no Centro de Goiânia, onde mais de 100 artistas da Associação dos Grafiteiros realizaram pinturas de diversas técnicas, traços e conceitos distintos, contendo características desde o grafismo à arte tridimensional; estando presente em todas, a figura do negro e afrodescendentes como protagonistas.

Na aula subsequente à visita, os alunos foram orientados a fazer uma releitura da imagem que mais lhes chamou atenção; fiquei surpresa ao ver alunos e alunas desenhando e pintando figuras com a tal chamada “cor de pele”, tom de cor roseado claro, mesmo tendo outros tons disponíveis que se assemelhavam à cor de sua pele; o que se pode verificar na figura 1:

¹ O instituto foi fundado em 2017 e atua nas áreas de lazer, esporte, cultura e educação, oferecendo atividades para a comunidade, entre elas a prática do Jiu-Jitsu, e oficinas de arte para crianças e adolescentes

² Espaço escolhido por inspiração procedente das aulas do Prof. Belidson Dias, quando estudamos o tema: Educação da Cultura Visual e o Cotidiano como parte do conteúdo da Disciplina Estudos Visuais da Educação 2

*Figura 1 - Pintura da aluna 1 com tom "cor de pele"
(Créditos fotográficos: Eliza Reis)*



Compreendi que aquelas crianças e adolescentes afrodescendentes, já estavam “contaminados” em pleno século XXI pelas influências negativas e manipuladoras implantadas pelo racismo estrutural; entre elas o ideal do branco, uma forma de se ver e querer alcançar o que lhes é mostrado como “melhor”, “mais bem sucedido”, “mais bonito”, originadas pelo eurocentrismo, ainda presente muitas vezes na cultura visual brasileira. Como nos afirma Souza: “A construção de um Ideal de Ego branco, a primeira regra básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer “mancha negra” (1983 p. 34).

Eu reconheço-me como uma pessoa de cor parda, cabelos anelados e com traços afrodescendentes, pertencendo a este grupo que luta pela igualdade de direitos previstos na nossa Constituição Art. 5.º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, Constituição 1988 p 1). Como arte educadora acredito que o ensino de artes contribui de forma relevante para esclarecer, sensibilizar e também conscientizar o ser humano de sua realidade social, mostrando-lhe caminhos de reflexão, autoidentificação, autonomia e senso crítico; que são importantíssimos para a mudança na mente e nas atitudes.

A pesquisa é um conjunto resultante de aprendizagens, práticas, estudos e reflexões durante todo o percurso do Curso de Licenciatura em Artes Visuais; foi uma oportunidade de colocar em prática conhecimentos adquiridos em todas as disciplinas, os quais foram criando significados à medida que os relacionei com a minha realidade e subjetividade.

No decorrer da prática de aproximadamente 5 anos como professora de Arte, e três estágios realizados em escolas públicas; percebi que os alunos em sua maioria são pardos ou pretos, e, ao serem orientados a fazer desenhos, sempre escolhem fazer personagens com características de descendência branca. Nota-se então que muitos ainda vivem sob a influência dos conceitos eurocentristas. Neste âmbito, Maria da Glória Calado (2021), afirma ser fundamental que os educandos, educadores e pesquisadores debatam as diferentes facetas do racismo não somente na educação, mas também em toda a sociedade.

Foi publicado em 18 de abril de 2023 por Oussama El Ghaouri. Repórter da Rádio Nacional em Brasília, uma pesquisa feita com redes municipais de educação demonstrando que a maioria das escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental não praticam o que determina a lei sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira. O estudo foi realizado pelo Geledés, Instituto da Mulher Negra, e pelo Instituto Alana, ouvindo quase 1.200 secretarias municipais de educação do país, 20% do total delas. Em cada 10 secretarias, apenas 3 cumprem a lei que há 20 anos obriga escolas municipais a ensinarem história e cultura afro-brasileira.

Cinco destas escolas fazem ações de forma eventual e no Dia da Consciência Negra. Os gestores alegam precisar de cooperação técnica e financeira dos estados e do governo federal para cumprir a lei. Pesquisa revela que temas importantes para a desconstrução do racismo no país, como o legado da escravidão e os privilégios, estão em detrimento a temas mais confortáveis, como literatura e cultura alimentar. O não cumprimento da lei tem um impacto grande na sociedade, pois são milhões de jovens sem acesso a uma educação contra o racismo, contra a discriminação e a violência. De acordo com Natanael José da Silva, presidente União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação de Pernambuco, só se combate tudo isso se os jovens forem educados para a paz desde os primeiros anos de escola.

A desigualdade é uma realidade na vida de crianças e adolescentes que vivem em periferias, como a região do Instituto Viver Melhor, os quais são todos estudantes de escolas públicas, em sua maioria pretos e pardos. As práticas racistas são presentes e latentes na comunidade, inclusive no âmbito escolar e na educação informal, a qual se refere este projeto.

No estudo de caso realizado no Instituto Viver Melhor, as atividades e conteúdos ministrados foram voltados para que cada aluno pudesse refletir sobre a cor e tom de sua pele e dos outros, reconhecendo sua singularidade e entendendo a diversidade. O

conhecimento de si mesmo e de sua realidade, possibilita ao ser humano construir um caminho no qual faz suas próprias escolhas, desenvolvendo sua autonomia, autoestima e senso crítico, para que possa alcançar sua satisfação e realização pessoal.

A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE ARTE

O ensino de Arte é componente curricular da área de Linguagens, que tem como uma de suas competências específicas: Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte (BRASIL, 2018, p.198); entende-se então, que o ensino de Arte vai além da prática de desenhos e pinturas; é um instrumento de descobertas, expressões e manifestações da realidade histórica da sociedade tanto no passado, como na atualidade.

Durante o percurso das aulas, procuramos proporcionar aos alunos momentos de se ver, se reconhecer e entender que as Artes Visuais possibilitam explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (BRASIL, 2018, p.195); sendo isto trabalhado intencionalmente em cada aula, projetando imagens de autorretratos desde a antiguidade até a arte contemporânea, e questões relacionadas aos tons de pele, embasadas no *Projeto Humanae* da artista e fotógrafa Angélica DASS.

A relevância do ensino de arte, tanto para arte educadores em formação como para a sociedade em geral, é essencial para se alcançar a educação integral, e este projeto se propõe como uma oportunidade de ensino e aprendizagem da Arte, pois ao refletir sobre a sociedade em que vivemos, seremos tocados pelo sensível, teremos a possibilidade de ampliar nossa relação de mundo, manifestar nossas inquietações, frustrações, medos e alegrias, como nos diz Andrade (1989): “A arte é social, porque toda obra de arte é um fenômeno de relação entre seres humanos”.

Desta forma foi escolhido o Autorretrato como tema para nossas práticas de desenho e pintura com os alunos, o qual esteve direta ou indiretamente presente em todas as aulas por meio de abordagens teóricas, reflexões, processos de criação e interações baseadas no desenvolvimento de habilidades das unidades temáticas: Artes

Visuais e Artes Integradas. Em sua tese intitulada: *Cor, Retrato e Identidade*, Bruna Wandekoken discorre sobre o olhar sobre si e sobre o outro na obra de Angélica Dass; na qual encontramos informações muito importantes sobre este tema:

Sensibilizar crianças ainda durante sua formação de caráter e personalidade, para as questões ligadas à sua identidade e de como ela pode enxergar o mundo que a cerca, possibilitará uma melhor e mais ampliada noção de mundo. Se compreendermos que a arte também pode exercer essa função como já vimos nos capítulos anteriores, o *Humanae* nos mostra que a arte é sim um instrumento potente para que a visão se amplie e que as nossas relações com os outros sejam construídas de maneira mais tranquila e dentro das possibilidades até isenta de maiores preconceitos ou estereótipos, respeitando as individualidades, mas entendendo que fazemos parte da coletividade. (WANDEKOKEN, 2017, p. 92)

Foi observado que os alunos que participaram deste projeto, estavam reconstruindo sua autoimagem, por meio das falas e expressões faciais; podendo assumir sua cor de pele e compará-la a um alimento agradável ao seu paladar; agregando valor à sua autoestima, autoidentificação e empatia em meio a diversidade.

O AUTORRETRATO

O *Projeto Humanae* tem como prática o retrato de pessoas em suas variadas cores de pele, por meio da fotografia. Começaremos pelo estudo de como e quando surgiu o autorretrato.

Compreende-se que o ser humano tem a necessidade de se autoexpressar em sua singularidade, mesmo vivendo em coletividade. É uma forma de expor sua individualidade, bem como o eu interior, com seus conflitos, aflições e prazeres. Segundo Katia Canton:

O autorretrato é a afirmação do artista em sua condição única, de criador de sua própria imagem, Tal como o poeta, reconhecido pelo rosa na face, o artista empunha seus pincéis no testemunho de seu próprio reconhecimento. Confessa uma particularidade. (CANTON, 2001 p. 27)

Desde a Arte Rupestre, o homem já praticava esta forma de expressão artística. Foi descoberto uma imagem de uma mão tendo como suporte a parede da caverna de

Lascaux, a qual foi projetada com algum pigmento por meio do sopro; formando então a imagem da sombra de uma mão, conforme a figura abaixo, considerada um autorretrato (Fonte: NAPOLI, Isabel Carpes. O autorretrato na arte contemporânea. https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/o-autorretrato-na-arte-contemporanea.htm#indice_15 Acesso em 17 out 2023).

Figura 2 - Mão gravada na Caverna de Chauvet, na França



Fonte: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/o-autorretrato-na-arte-contemporanea.htm#indice_15 Acesso em 02 out 2023

Foi na Grécia Antiga e durante o Império Romano que os retratos se propagaram por meio de moedas, bustos e medalhas – e no meio artístico a partir do século VI a.C. O autorretrato ganha força na Idade Média, e segundo o filósofo Plotino, ele não é feito baseado na imagem refletida em um espelho, mas no ato de olhar para dentro de si mesmo (HALL, 2014 apud NAPOLI. O Autorretrato na Arte Contemporânea. Disponível em: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/o-autorretrato-na-arte-contemporanea.htm#indice_3).

A arte do autorretrato entrou em ascensão no período do Renascimento; quando foram produzidos autorretratos naturalísticos e frontais (NAPOLI, Isabel Carpes Napoli, O Autorretrato na Arte Contemporânea. Disponível em: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/o-autorretrato-na-arte-contemporanea.htm#indice_3).

Muitos artistas membros da aristocracia, nesta época, produziram retratos de si mesmos em busca de status. Já no modernismo, a auto representação se tornou uma verdadeira expressão dos sentimentos dos artistas, como monumentos à subjetividade, possuindo um caráter até mesmo confessional, revelando até àqueles ocultos dentro da alma.

Segundo BARBON (2012), no século XX, os autorretratos eram caracterizados pela busca da representação do “eu”, passando a ser um registro mais autêntico. Já o autorretrato contemporâneo se apresenta como um enigma, uma despersonificação, refletindo crises de identidade.

Nessa pesquisa o autorretrato se propões como prática de autorreconhecimento, a aceitação de si mesmo, como eu me vejo, uma reflexão como me vejo, como vejo o outro e como sou visto.

Foram apresentados aos alunos, por meio projeção, imagens de obras de autorretratos da arte colonial até a arte contemporânea, de artistas como Anita Malfatti, Rembrandt, Francisco Goya, Paul Guguin, Paul Cézanne, Frida Kahlo, Eduard Munch, Scott Hutchison e outros como: *Retrato de Lauri Diante*, Ticiano (1523); *Retrato de Madame Claude Lambert de Thorigny*, Nicolas de Largillière (1696); *Operários* (1933) e *Autorretrato* de Tarsila do Amaral; obras de Cândido Portinari, como: *Mestiço* e *Lavrador de Café* (1933) e *Retrato do Paciente Escallier* (1988) de Vincent Van Gogh.

O autorretrato tornou-se nesta pesquisa uma forma de autoafirmação, autoidentificação. De acordo com Katia Canton (2017), vivemos uma era de globalização, onde as características culturais são deslocadas, por haver uma constante busca de combinações entre tempo/espaço, tornando o mundo cada vez mais conectado. Ao lado dessa tendência de homogeneização cultural, a globalização faz aflorar uma fascinação pela diferença, pela etnia, pela noção de alteridade, e um acirramento do interesse pelo local. (CANTON, 2017 p. 19); sob esta influência, a originalidade tem sido cada dia mais valorizada aliados à criatividade e autoafirmação.

Na contemporaneidade, o autorretrato não está ligado apenas ao narcisismo, mas a uma forma de expressão da singularidade e subjetividade, o que pode ser visto como perturbador ou provoque estranhamento.

Como no espelho de Alice, a experiência do autorretrato – uma experiência de pensamentos e de sensações- incita um mergulhar para dentro de si para então projetar-se. Requer constante reinventar-se. (CANTON, 2017 p. 48)

Ao olharmos para o nosso interior, descobrimos sentimentos, dos quais muitas vezes não tínhamos consciência de sua existência, que poderão ser expressos pela arte em seus mais variados tipos de linguagens, entre elas o autorretrato.

HUMANAE

Como dito anteriormente, a base da inspiração para o trabalho com o autorretrato surgiu quando conheci por meio de pesquisas o Projeto *Humanae*, onde a artista Angélica Dass, fotografa pessoas de diferentes nacionalidades e culturas, independentemente de sua cor, gênero, idade ou posição social. Atualmente seu projeto conta com imagens de rostos e cores de aproximadamente 4.000 voluntários, com retratos feitos em 20 países diferentes e 36 cidades distintas. São fotos, feitas do busto nu dos retratados. As imagens revelam a diversidade das cores humanas, mostrando inclusive a escala Pantone de cada uma delas.

Houve então uma identificação da minha parte por este projeto, pois percebi o questionamento sobre os tons de pele, e a hierarquia das cores, deixando claro que os seres humanos não podem ser definidos somente como brancos, pretos, vermelhos e amarelos.

Humanae é uma tentativa de ressaltar nossa verdadeira cor, em vez das não verdadeiras - branco, vermelho, preto ou amarelo -, associadas à raça. É meio que um jogo que questiona nossas regras. É um trabalho em construção, de uma história pessoal a uma global. (DASS, 2016b apud WANDEKOKEN, 2017, p. 81)

Abrange todas as camadas da sociedade, com nacionalidades e cores distintas, uma vez que as imagens expostas de vários corpos humanos de uma a realidade, revela como temos semelhanças e ao mesmo tempo fragilidades, sem roupas nem adereços que possam indicar o *estatus quo* de cada um, como nos afirma Wandekoken:

Projeto *Humanae*, realizado desde 2012 pela fotógrafa brasileira Angélica Dass, é um exemplo de como a fotografia pode servir a diversos propósitos e manifestos que extrapolam os limites de nacionalidades, idiomas, identidades. Pois pela arte *Humanae* chama a atenção sobre uma série de questões como cor, raça, miscigenação e etnicidade. (WANDEKOKEN, 2017, p. 71)

Figura 3 - Trabalho *Humanae* Angelica Dass



Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/08/5114427-fotografa-propoe-reflexao-sobre-o-racismo-no-projeto-humanae.html> Acesso em 15 de maio de 2023

O Projeto *Humanae* nasceu em 2012, quando Angélica foi aluna do curso de mestrado (máster) em Fotografia Artística na EFTI – Escola de Fotografia em Madri, Espanha. Dedicava-se muito em fazer fotos e também investigar suas origens o

significado de ser afrodescendente, e uma mulher afrodescendente imigrante. Foi quando olhou para si e recebeu de volta, como reflexo, o trabalho *Humanæ*, no qual acabou enxergando os outros.

Em entrevista a Wandekoken, Angélica relata memórias de sua infância em entrevista e também momentos de discriminação sofrida devido à cor de pele

E quando as pessoas perguntam como nasceu o *Humanae*, de toda uma vida tomando porrada pela cor que eu sou, de toda uma vida sendo marcada e dizendo você não pertence a esse lugar, tá, com essa cor você não encaixa aqui [...] (DASS, 2016^a apud WANDEKOKEN, 2017, p. 81)

Muitas vezes, ao visitar minha avó ou meus amigos em casas de classe alta, pessoas me diziam para não usar o elevador social, porque, afinal, com esta cor de pele e com este cabelo, alguns lugares "não são pra mim". De certa forma, me acostumei e passei a aceitar isso, em parte. Porém, algo dentro de mim continuava a se incomodar com isso. (DASS, 2016b apud WANDEKOKEN, 2017, p. 78)

A fotografia tem sido muito explorada pelo uso de câmeras de celular, na Selfie perfeita; as quais muitas vezes são trabalhadas utilizando-se filtros, tornando-se verdadeiras máscaras do fútil padrão de beleza imposto pelas mídias. O que está suscintamente prescrito na frase: “A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio.” (DEBORD, 2003, p. 14). Mas muitas vezes o indivíduo se enxerga diferente de sua aparência real, passando “para ele”, a realidade virtual a que se identifica e acredita.

A fotografia revela e conduz o olhar sobre si mesmo e o outro à uma reflexão de como realmente somos em nossa fisionomia. Ao identificar o tom que equivale à sua cor de pele, muitos experimentam sentimentos de auto rejeição e até mesmo confusão com a não aceitação de suas características. Souza nos afirma:

...a ideologia de cor é, na verdade, a superfície de uma ideologia mais daninha, a ideologia do corpo. De fato, parece-nos evidente que o ataque racista à cor é o “close-up” de uma contenda que tem no corpo seu verdadeiro campo de batalha. Uma visão panorâmica, rapidamente, nos mostra que o sujeito negro ao repudiar a cor, repudia, radicalmente o corpo. (SOUZA, 1983 p. 5)

Devido as influências do eurocentrismo, muitas pessoas de cor preta ou parda, ainda tem o sentimento de auto-rejeição, pois o padrão de beleza, mesmo com tantas mudanças, em mutas situações e imagens postadas pela indústria midiática, continua sendo o da pele branca e cabelos loiros.

Segundo reportagem recente do jornal *O Globo*:

O total de escolas públicas com projetos para combater racismo, machismo e homofobia caiu ao menor patamar em dez anos, segundo levantamento do Todos Pela Educação. Os dados utilizados foram extraídos dos questionários contextuais do Sistema Nacional de Avaliação Básica (Saeb) destinados a diretores e diretoras escolares, entre 2011 e 2021 – quando foi feita a última pesquisa do Saeb. Pela análise se observou que apenas metade das escolas públicas têm projetos para combater racismo no Brasil. (ALFANO, 2023)

Esta realidade incomoda e me instiga como arte educadora a explorar este tema das relações étnico raciais, por meio de planos de ensino que interligam a prática artística em suas variadas modalidades à necessidade dos alunos, que, dentro deste contexto, se encontram sem informações consistentes a respeito da ética e conscientização de uma temática tão relevante e presente na escola e em suas vivências diárias.

A questão racial é um tema urgente na sociedade brasileira e a escola pode ser o espaço de reflexão e atualização sobre o assunto, especialmente no grupo de adolescentes e jovens periféricos, que estão em contato direto com esta realidade. A Arte é uma forma de se expressarem e se comunicarem consigo mesmos e com o outro a respeito de suas dores, revoltas e um futuro melhor.

CAPÍTULO 2 - IDENTIFICANDO TONS DE PELE

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a abordagem qualitativa, utilizando-se como procedimento técnico o estudo de caso, realizado em um projeto social denominado *Aprendendo com Arte*, que funciona durante o período de contra turno escolar, composto por adolescentes do Instituto Viver Melhor, do qual faço parte como professora de arte.

Foi utilizado concomitantemente o Método Dialético, tendo os participantes liberdade para expressar suas opiniões e construir durante todo o processo, que será conduzido para uma Pesquisa-Ação Estratégica, visando a observação, reflexão e instigação do senso crítico.

Durante todo o percurso deste estudo de caso, foi percebido categoricamente a relevância do ensino da Arte. O planejamento das aulas foi elaborado seguindo os parâmetros indicados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para que o processo de ensino aprendizagem contribuísse para o aprofundamento nas diferentes linguagens, dialogando entre elas e outras áreas do conhecimento, com o intuito de proporcionar aos estudantes um desenvolvimento maior de sua autonomia nas experiências e vivências artísticas.

A execução da pesquisa foi organizada em quatro encontros, sendo a duração de cada um deles de três horas aula de 50 min. e contou com a colaboração de 2 monitores voluntários do Instituto Viver Melhor.

1º ENCONTRO

Neste primeiro encontro trabalhamos com a unidade temática: Artes Integradas, conforme identificados, os objetos do conhecimento e o alcance de suas respectivas habilidades presentes na BNCC:

Contextos e Práticas (EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. (BNCC, 2018 p. 206)

Processos de Criação (EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.). (BNCC, 2018 p. 206)

Arte e Tecnologia (EF69AR35) Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável. (BNCC, 2018 p. 210)

1º Momento

Iniciei a aula escrevendo o título da pesquisa no quadro: *O Ensino de Arte e Os Tons de Pele*. Muitos alunos questionaram o que seriam tons de pele, então houve um momento de debate sobre esta indagação. Pedi para que cada um olhasse para a cor de sua pele e fiz algumas perguntas. São elas: Como você poderia construir a própria cor de sua pele? Quais cores precisaria misturar para alcançar o tom desejado? E começaram a falar e refletir sobre os seus tons e alguns até citaram a respeito da tonalidade da cor de pele de colegas.

Percebi pelas atitudes e respostas dos estudantes que ficaram surpresos ao perceber que cada um tinha um tom de pele diferente do outro. Alguns tiveram dificuldade em assumir seu tom de pele. Nogueira afirma que: “desde a mais tenra infância, as crianças aprendiam a apreciar a cor clara e os demais traços caucasoides e a desprezar a cor escura e as demais características negroides (NOGUEIRA, 1955 apud CALADO, 2013 p. 96).” O que foi comprovado em nossa pesquisa, mesmo em pleno Século XXI, onde os direitos humanos e o respeito à diversidade tem sido tema de campanhas e debates.

Logo em seguida ministrei uma aula expositiva com projeção de slides, explicando sobre a história do colonialismo, e que desde os tempos remotos, os negros foram submetidos ao conceito de uma sub-raça, o que se pode perceber claramente em alguns autorretratos daquela época, como o Retrato de Laura de Dianti de Ticiano (Figura 4), no qual o negro é retratado com uma criança, fitando os olhos na senhora branca, que provavelmente parece ser a sua dona. Ao mesmo tempo o negro aparenta ter uma admiração pela mesma.

Figura 4 - Retrato de Laura de Dianti. Ticiano (1523)



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Portrait_of_Laura_Dianti
Acesso em 10 maio 2023

Sua estatura bem menor, diante da grandeza, brilho e “beleza” daquela mulher branca. Pelo posicionamento e escala, a figura da pessoa negra é relativamente comparada à de um animal doméstico.

Também foi apresentado aos alunos o *Projeto Humanae* de Angélica Dass, com imagens e reflexão sobre o mesmo. Dass usa a fotografia como instrumento principal na construção do *Humanae*, sendo esta também uma forma de se fazer arte e de expressão humana. Segundo Bruna Wandekoken,

A fotografia vai além de simples ferramentas que envolvem arte ou técnica, ela perpassa conceitos não visíveis, que pela ausência das palavras se faz necessário o confronto direto, espectador e imagem. A fotografia toca, sensibiliza e transmite. Para realizar um bom retrato não basta apenas técnica, é preciso ter um verdadeiro interesse pelo ser humano e estabelecer uma relação de empatia com o retratado, afirmativa visual que nos permite compreender melhor quem somos nós, de onde viemos e para onde vamos. (WANDEKOKEN, 2017 p. 80)

Figura 5 - Projeção Slides Projeto Humanæ



(Créditos fotográficos: Eliza Reis)

Projetei falas da fotógrafa quando ela compara os tons de pele de sua família a alimentos, com a imagens destes, o que causou nos alunos uma grande admiração (Figuras 6 e 7). Eles nunca tinham visto a cor parda ou negra e outros tons serem comparados a coisas boas e saborosas, relacionando à sensação de prazer e bem estar.

Segundo Wandekoken, ao descrever sua formação familiar, a artista demonstra sua relação com as cores e as pessoas, e de como se deu sua formação identitária "Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade." (THOMPSON, 1992. p. 208 apud WANDEKOKEN, 2017 p. 75). Ela revela situações de constrangimento e racismo que enfrentou, mas também nos traz a leveza e alegria de uma família, que cuidou muito bem dela.

Figura 6 - Slide 1: Fala Angélica Dass. Créditos: Eliza D. G. Reis

A artista e fotógrafa Angélica Dass, compara os tons de pele à memórias de cores, sabores e aromas agradáveis:

“Eu nasci numa família cheia de cores. Meu pai é filho de uma empregada doméstica de quem ele herdou um tom de pele chocolate intenso.



Ele foi adotado por pessoas que conheço como meus avós. A minha avó, tem pele de porcelana e cabelos brancos como algodão.



Meu avô tinha um tom de pele entre iogurte de baunilha e de morango, assim como meu tio e meu primo.

Figura 7 – Slide2: Fala Angélica Dass. Créditos: Eliza D. G. Reis

Minha mãe tem pele cor de canela, filha de uma brasileira com uma pitada de avelã e mel



e um homem com pele cor de café com leite, mas com muito café.



Ela tem duas irmãs.



Uma delas tem a pele na cor de amendoim torrado



e a outra, também adotada, está mais para bege, como uma panqueca.” (DASS, 2016b apud WANDEKOKEN, 2017, p. 74)

Em seguida propus um momento de compartilhamento, no qual cada um poderia falar e fazer a comparação do tom de sua pele e de alguns de seus familiares relacionando a alimentos que lhe eram agradáveis. Houve muita participação e momentos de descontração, todos queriam falar e às vezes ficavam na dúvida sobre o que comparar o seu tom de pele. Os alunos se ajudaram mutuamente.

Esta forma de Dass comparar os tons de pele a alimentos e coisas agradáveis, é também uma forma de se trabalhar o autorreconhecimento, autoimagem, e autoestima como antagonismo ao que o afrodescendente sofre na pele, consequência dos estereótipos eurocêntricos implantados na sociedade brasileira. Segundo Roseli Gomes Santana, ao valorizar as diferenças étnico-raciais, por via do reconhecimento cultural abre-se espaço para descobertas e identificações (SANTANA, 2017, p. 128).

2º Momento

No segundo momento deste primeiro encontro apresentei aos alunos um objeto de aprendizagem que elaborei utilizando o programa PowerPoint, primeiro passo foi tirar uma foto de busto da cada aluno e depois colocá-la no computador, em seguida remover o fundo da mesma; após clicar na ferramenta preenchimento de forma e na figura do conta gotas colocando este na parte da ponta do nariz da imagem na foto para descobrir a cor da pele e o seu código Pantone. Ao final, com esta mesma cor preencher todo o fundo da foto, sendo o fundo da foto removido através do uso do aplicativo Remove.bg³.

No início da aula, pedi a um monitor voluntário do Instituto Viver Melhor que tirasse foto de cada um dos alunos e inserisse no Objeto de Aprendizagem que já tinha seu arquivo nos computadores. Os alunos receberam orientação e ajuda na execução. Alguns tiveram mais facilidade por já terem alguma prática no uso do computador e do programa usado, outros precisaram de um maior. Éramos três para auxiliá-los. Nas figuras 9 a 11 temos as imagens dos slides do Objeto de Aprendizagem, com as devidas orientações.

³ Mais informações sobre o aplicativo podem ser encontradas no site <https://www.remove.bg/pt-br>

Figura 8 - Slide 1 Objeto de Aprendizagem

Objeto de Aprendizagem: Qual é a minha cor?

Profª Eliza Reis

- Este é um objeto de aprendizagem baseado no Projeto Humanae da Artista e fotógrafa Angélica DASS, que tem como objetivo auxiliar você no reconhecimento e identificação de sua cor de pele, descobrimento inclusive o código Pantone da mesma.
- Você também irá pesquisar e inserir a imagem do alimento ou do que escolher que se identifica com seu tom de pele.

Bom trabalho, e lembre-se:

Você é único, especial, se ama, se cuide, valorize...

Figura 9 - Slide 2 Objeto de Aprendizagem

Exemplo: Qual é a minha cor?**DEB8AD****Castanha de caju**

Figura 10 - Slide 3 Objeto de Aprendizagem (Créditos: Eliza Reis)

Passo a passo da atividade: Qua é a minha cor?

1. Escolha uma foto sua da parte de seu rosto e ombros
2. Salve a imagem no computador
3. Acesse o site www.remove.bg, insira sua foto lá e remova o fundo. Salve a foto no pc.
4. Insira a foto sem o fundo dentro do quadrado que está acima do retângulo à sua esquerda
5. Clique no menu página inicial e após na sua foto e logo em seguida na imagem do balde que aparece nas ferramentas chamada preenchimento de forma e após em conta gotas, então coloque a imagem dele sobre a ponta do nariz na foto, para preencher o fundo da foto com esta mesma cor.
6. Clique novamente no preenchimento de forma e em mais cores de preenchimento, procure a palavra [Hex](#) e copie o código em frente a mesma
7. Após cole este código no retângulo abaixo de sua foto
8. Do lado direito de sua foto, pesquise no computador a imagem de um alimento que tenha uma cor parecida com que você encontrou no seu rosto
9. Copie esta imagem e cole à direita de sua foto
10. No retângulo abaixo desta imagem coloque o nome da imagem que escolheu.

Figura 11 - Slide 4 Objeto de Aprendizagem (Créditos Eliza Reis)

Qual é a minha cor?

| | |
|---|--|
| <p>• Clique para adicionar texto</p> <div style="text-align: center;">  </div> | <p>• Clique para adicionar texto</p> <div style="text-align: center;">  </div> |
| <p>Clique para adicionar texto</p> | <p>Clique para adicionar texto</p> |

Todos participaram e ficaram empolgados com a execução do objeto de aprendizagem. Os alunos estavam exercendo sua autonomia, construindo a sua cor e a imagem na qual eles se identificam; percebi claramente a experiência artística no âmbito

da dimensão fruição. Nesta atividade trabalhou-se o desenvolvimento da seguinte competência geral da BNCC:

Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas (BNCC, 2018, p. 10); e a competência específica de Arte: Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística. (BNCC, 2018, p. 10).

Abaixo a atividade do objeto de aprendizagem com as imagens⁴ elaboradas pelos próprios alunos:

Figura 12 - Tom de pele aluno "5"



Figura 13 - Tom de pele aluno "8"



⁴ Fonte figuras 12 a 16: Créditos Eliza D. G. Reis

Figura 14 - Tom de pele aluna "2"



Figura 15 - Tom de pele aluna "3"



Figura 16 - Tom de pele aluno "6"



Figura 17 - Tom de pele aluna "9"

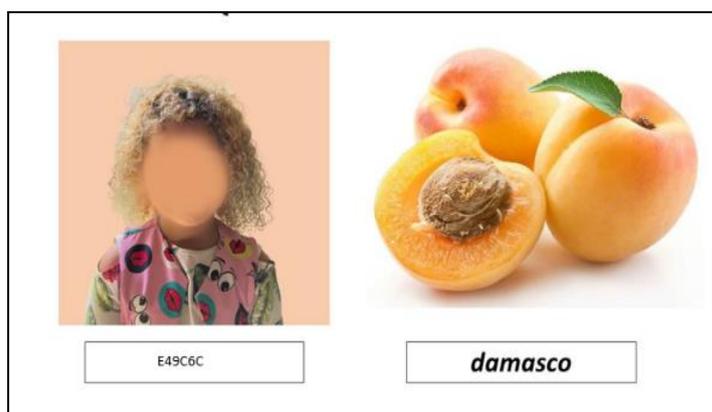


Figura 18 - Tom de pele de aluna "10"



Figura 19 - Tom de pele aluno "11"



Foi nítido a expressão de alegria e satisfação quando conseguiam descobrir o tom e código Pantone de sua pele. Quando escolheram a imagem do alimento que mais parecia com este tom, eles comentavam uns com os outros, muito felizes e se comparando e ajudando uns aos outros, foi um trabalho coletivo, colaborativo e interativo, apesar da atividade ser individual.

Após esta atividade, eles responderam à pergunta: Como se sentiu ao fazer esta atividade? Foi bom descobrir o código da cor que mais se aproxima do tom de sua pele?

Resposta aluno 11

“FBA994 Vitamina de morango e eu fiquei pensativo e curioso.”

Resposta aluna 2

“Eu me senti muito bem, descobri que minha cor parece doce de leite. Foi muito bom, eu amei”

Resposta aluna 3

“Foi bom descobrir o meu tom de pele. Foi bom trabalhar com autorretrato. Descobri o meu tom de pele.”

Quando o aluno 11, afirma ter ficado pensativo e curioso, nota-se que houve um momento de reflexão, e ao mesmo tempo instigação do que seria aquilo e/ou até estranhamento com a percepção de sua cor, e com o que ela parecia. Já as alunas 2 e 3 percebi claramente a fruição e satisfação que experimentaram durante o fazer da atividade. Mesmo que não tenham a plena consciência do que esta descoberta pode produzir em suas vidas, percebe-se que já contribuiu para que desenvolvessem de alguma forma o autorreconhecimento, autoidentificação e autoestima; pois diante de uma sociedade ainda racista, FANON visualiza somente uma saída: “Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer”. (FANON, 2008 p.108)

A ideologia racista não deixou marcas somente nas relações humanas, mas principalmente no interior de cada um que sofreu e sofre com as consequências da injustiça imposta sobre os pretos e afrodescendentes. Mas aprendendo seu valor e desenvolvendo sua autoestima, cada aluno poderá fazer construir sua história de uma forma diferente, respeitando a diversidade e valorizando a singularidade de cada um.

2º ENCONTRO

1º Momento

No segundo dia de encontro trabalhamos com os alunos o tema: Autorretrato, a unidade temática: Artes Visuais, os objetos de conhecimento e suas respectivas habilidades presentes na BNCC:

Contextos e Práticas (EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. (BNCC, 2018 p. 207)

Elementos da Linguagem - (EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas. (BNCC, 2018 p. 207)

Materialidades - (EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.). (BNCC, 2018 p. 207)

No primeiro momento, foi feita a projeção de imagens das obras: *Retrato de Madame Claude Lambert de Thorigny*, 1696 de Nicolas de Largillière, revisando sobre o racismo refletido nas obras de arte, até o processo de ascensão da figura do negro, figurado nas obras de Portinari, mesmo que ainda submetido ao trabalho braçal, mas como protagonista. Também mostramos autorretratos de Van Gogh e retrato de Amadeo Mondigliani, e ao final foram expostas imagens de obras de Tarsila do Amaral como O Autorretrato e Os Operários.

Procuramos sucintamente seguir o percurso da história avançando à Arte Moderna e em seguida a Arte Contemporânea, sempre conduzindo os alunos à reflexão da questão dos tons de pele de cada personagem retratado e as características que se referem ao seu contexto social, sendo esta uma forma de prover-lhes informações para compreensão da diversidade e desigualdade presente em nosso país ao longo da história expressa por meio das artes. Segundo Lafont,

A produção artística e o discurso do século XVIII produziram ferramentas de observação e análise que permitiram com que os seres humanos fossem diferenciados e também classificados implicitamente em uma escala moral, uma iniciativa que posteriormente redundaria em racismo explícito. (LAFONT, 2019 p. 2)

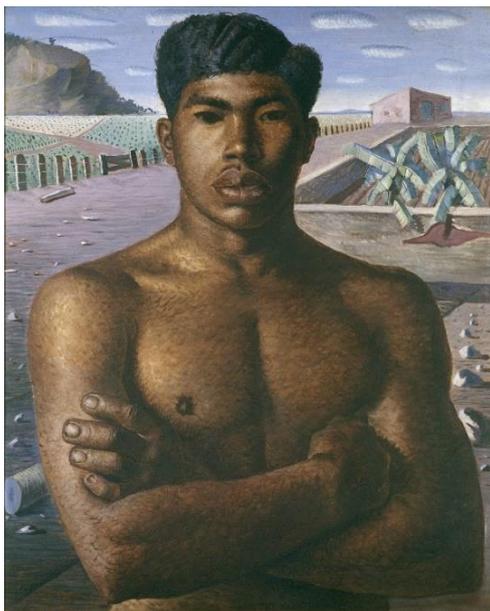
Figura 20 - Retrato de Madame Claude Lambert de Thorigny



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Portrait_of_a_Woman,_Possibly_Madame_Claude_Lambert_de_Thorigny_%28Marie_Marguerite_Bontemps,_1668%E2%80%931701%29,_and_an_Enslaved_Servant_MET_DP312828.jpg Acesso em 10 de maio de 2023

Figura 21 - Mestiço, Portinari (1934)



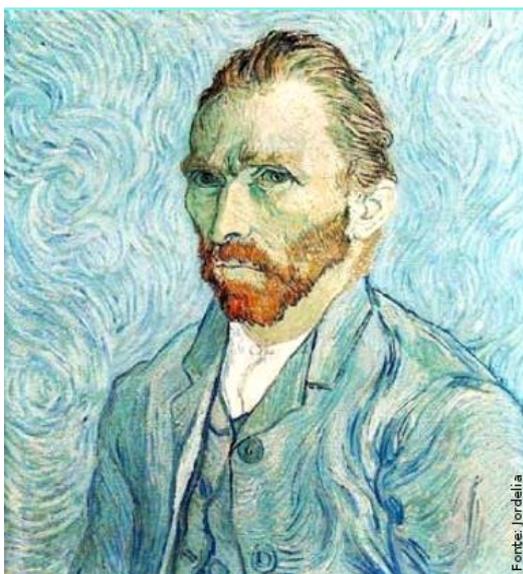
Fonte: <http://www.portinari.org.br>, acesso em 25 Out 2023.

Figura 22 - Lavrador de café, Portinari (1934)



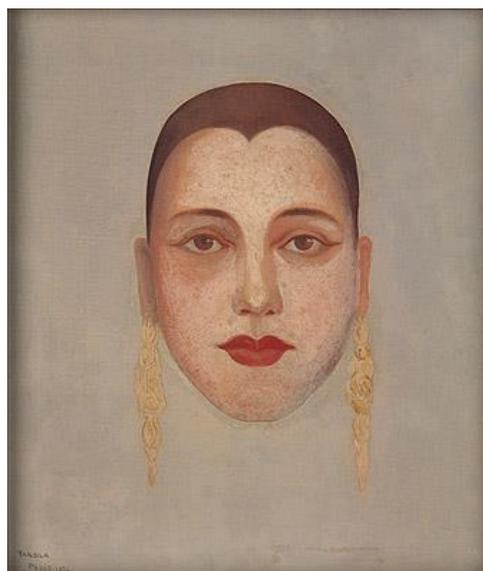
Fonte: <http://www.portinari.org.br>, acesso em 25 Out 2023

Figura 24 - Autorretrato, Vincent Van Gogh (1889)



Fonte: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-20649/vincent-van-gogh>, acesso 12 Dez 2023

Figura 23 - Autorretrato, Tarsila do Amaral (1926)



Fonte <https://www.bma.art.br/obras-de-tarsila-do-amaral/> Acesso 12 Dez 2023

Figura 25 - Operários, Tarsila do Amaral (1933)



Fonte <https://www.culturagenial.com/quadro-operarios-de-tarsila-do-amaral/> Acesso em 10 maio 2023

Quando projetada a obra *Operários de Tarsila*, questionei os alunos sobre o que percebiam na expressão do rosto... Comprovando pela opinião deles que as pessoas figuradas não estavam felizes, fizemos uma reflexão sobre a situação dos negros e afrodescendentes após a abolição da escravatura, e, pela imagem retratada na obra de Tarsila, se encontravam oprimidos em um sistema capitalista dominado pelos brancos como subalternos.

Constatando que o ensino de Arte exerce seu papel de denúncia e registro da história da humanidade, inclusive a respeito do racismo institucional, Anne Lafont declara:

Sob essa perspectiva, os recursos da história da arte enquanto uma disciplina das ciências sociais e humanas com áreas de competência específicas (questões de representação e visibilidade, políticas do olhar, história da forma e observação visuais, assim como aspectos relativos a seus materiais e meios) oferecem ferramentas importantes para investigar a construção da raça e da cor de pele como categorias operacionais na história natural da humanidade, categorias essas que se encontram nas bases da

diferenciação, comparação e criação de hierarquias entre seres-humanos (LAFONT, 2019 p. 07)

Continuando com a exposição da obra *Os Operários*, convidei os alunos que quisessem apontar a cor de pele de alguma imagem dos rostos, que se aproximasse da sua; alguns apontaram as cores bem próximas, mas o que mais chamou atenção foi o aluno 4, que tem o tom de pele marrom bem escuro, e apontou para o rosto de uma pessoa com o tom de pele bem mais claro do que o seu, sendo que havia na imagem da obra, rostos com a tonalidade bem mais próxima da sua, como podemos notar ao observarmos o registro deste momento:

Figura 26 - Aluno "8" indicando a sua cor



Créditos fotográficos: Eliza D. G. Reis

Ao visualizar a atitude deste aluno, tive um sentimento de tristeza e indignação, pois vi nitidamente que ainda em pleno século XXI, a ideologia de inferioridade e rejeição não se encontra presente só na sociedade, mas dentro das mentes e corações de muitos afrodescendentes, principalmente os que pertencem às classes mais desfavorecidas. Esse comportamento só reforça o que Neusa em seus estudos afirma:

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. (SOUZA, 1983 p. 5).

2º Momento

No segundo momento deste encontro, fiz a projeção de um vídeo com o título: *O que é Autorretrato?*⁵ O vídeo contém um resumo digitalizado sobre o desenvolvimento do autorretrato desde a antiguidade, passando pelo renascimento até a arte contemporânea; foi pausado algumas vezes para comentar sobre a forma do autorretrato elaborado, focando como os artistas em suas obras expressavam em suas obras a sua subjetividade.

Ministrei uma aula expositiva sobre a natureza e a estrutura das cores primárias, secundárias e terciárias; quentes e frias, enfatizando o tema da monocromia e policromia, visando desmistificar a classificação das cores do claro para o escuro. Logo em seguida foi entregue aos alunos uma folha de papel com gramatura de 120g medindo 350 x 250 mm e lápis de cor de diversas cores, inclusive caixas de lápis denominados cores de pele. Os alunos foram orientados a elaborar o autorretrato, sendo que deveriam procurar encontrar a cor mais próxima de sua pele, mesmo que precisassem misturar várias cores.

Chamou a atenção a aluna 5 que fez o autorretrato com a cor de pele clara e roseada (Figuras 01 e 31); neste dia conseguiu misturar cores e alcançar um tom bem mais próximo do tom real de sua pele (Figura 32).

⁵ O que é Autorretrato? canal Arte Viral - #canalarteviral - autor: Henrique Escobar; tendo como endereço do link para acesso: <https://youtu.be/sCAApnPeNGc?si=Ze6Ob3UeQGoDXOYg>

Figura 27 - Autorretrato aluna "1" antes do estudo da pesquisa



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Figura 28 - Autorretrato aluna "1" após o estudo da pesquisa



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Ao comparar as imagens de suas composições antes e depois, pode-se perceber que o conhecimento adquirido até então nas aulas de arte, e nas experiências artísticas vividas, contribuíram para que a mesma se reconhecesse como uma pessoa com sua tonalidade de pele distinta e afrodescendente, abandonando a ideologia da brancura como ideal de beleza. Segundo Helena Gomes dos Reis Pessoa,

O autorretrato é de certa forma um atestado de presença, ou melhor, um registro dela. A autorrepresentação pode significar também um exercício de autoconhecimento, uma reflexão sobre a afirmação de uma identidade, uma ênfase na singularidade etc. (PESSOA, 2013, p. 8)

3º ENCONTRO

No terceiro dia de encontro o tema foi: Pintura com pigmentos da natureza. Trabalhamos com a unidade temática: Artes Visuais, os objetos de conhecimento e as respectivas habilidades presentes na BNCC:

Elementos da Linguagem - (EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.

Materialidades - (EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais. (BNCC, 2018 p. 207)

1º Momento

Foi compartilhado com os alunos a importância do uso de materiais alternativos nas práticas artísticas, e ensinamos como produzir tintas com terras de vários tons, as quais foram anteriormente coletadas e peneiradas pelos professores auxiliares do projeto. Conseguimos coletar cinco tonalidades de terra, algumas em barrancos à beira de córrego e outras em terrenos que estavam sendo escavados para levantar construções.

Figura 29 - Terras coletadas e peneiradas

Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Logo após a coleta de material, distribuímos folhas de papel Vergê com gramatura 120, para que realizassem a composição. Orientei que poderiam tanto fazer o autorretrato do próprio rosto, como posicionar a folha na orientação de paisagem e do lado direito fazer o contorno da própria mão, e dentro do espaço interno de cada dedo, escrever uma característica que faz parte da própria identidade; depois pintar toda a mão com a cor de mais próxima da tonalidade de sua pele, e em seguida realizar o mesmo processo de atividade com o desenho do contorno da mão de um colega.

Os vidros contendo as terras já peneiradas foram colocados sobre uma mesa, juntamente com um recipiente de água e outro contendo cola; seguindo as instruções, os alunos foram individualmente colocando em uma pequena bandeja de isopor as porções das terras que cada um escolheu para compor o seu tom de pele, acrescentando os outros itens de forma proporcional: para cada duas medidas de terra, a mesma quantidade de água e uma medida de cola branca. Após utilizaram um palito de picolé para misturar todos os ingredientes e a tinta ficou pronta.

Esta atividade, de acordo com a BNCC, trabalha a singularidade da experiência artística em duas dimensões: Criação, pois os alunos produzem, criam e constroem; sendo que cada um neste processo precisa tomar decisões da escolha dos ingredientes de

sua cor e do colega; e também a da Estesia, uma vez que na produção das obras, os alunos estarão articulando a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo e o outro, sendo o protagonista da experiência.

Figura 30 - Alunos pintando seus tons de pele (1)



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Figura 31 - Alunos pintando seu tons de pele (2)



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Figura 32 - Pintura do aluno "5" (mão do aluno 8 e sua mão esquerda p/ direita)



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Figura 33 - Pintura da mão (aluna '3')



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Figura 34 - Pintura da mão (aluno "6")



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Nesta atividade, percebi que o ensino de arte conduziu os alunos ao processo de ensino e aprendizagem na construção de uma das competências gerais da BNCC:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, 2018 p. 10)

4º ENCONTRO

O quarto e último encontro, foi planejado para ser a aula de celebração de todo o processo. Foram momentos especiais no qual os alunos apreciaram os seus trabalhos e dos colegas, e juntos compartilhamos como foi viver esta experiência do estudo de caso: *O Ensino de Arte e os Tons de Pele*. Foi trabalhado o desenvolvimento da competência específica de arte: Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas (BNCC, 2018 p. 198); e também dentro da unidade temática Artes Integradas, o objeto de conhecimento Contextos e Práticas e a habilidade (EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética (BNCC, 2018 p. 211).

1º Momento

Figura 35 - Painel organizado pelos alunos



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

No primeiro momento os alunos foram orientados a ajudar na montagem de um painel coletivo com os trabalhos dos autorretratos e as pinturas; em seguida fizemos uma roda de conversa, e cada um foi convidado voluntariamente a se levantar, mostrar o seu trabalho, e comentar sobre as dificuldades que enfrentou, as satisfações, as inseguranças, como se sentiu e o conhecimento que adquiriu durante todo o percurso das aulas.

Figura 36 - Momento de compartilhamento sobre os tons de pele



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Figura 37- Aluno 5 demonstrando no painel (1)

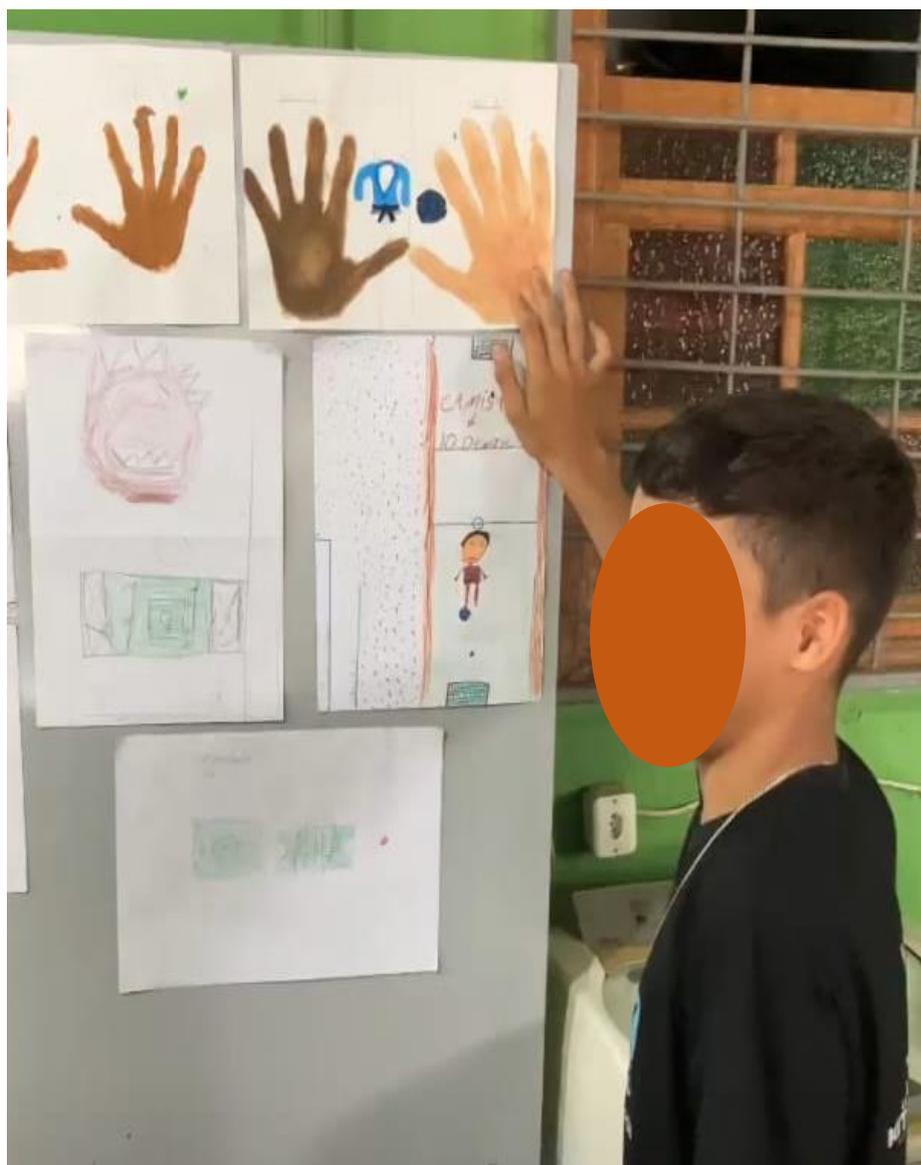


Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

O aluno 5, retratado na Figura 37, que iremos chamar de 5, foi um dos que mais se destacou durante as aulas. Ele apontou para o seu autorretrato e disse: *“Fiz meu autorretrato fiz com kimono, porque gosto muito de lutar Jiu-Jitsu”*.

Na figura 38, falou: *“Aqui eu fiz a mão minha e do colega meu que se chama (Aluno 8). Minha mão é esta mais clara...”*

Figura 38 - Aluno 5 demonstrando no painel (2)



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Na figura 39 demonstra como foi o processo para elaborar a cor do tom de sua pele: “...tive dificuldade pra encontrar minha cor, tive que misturar várias cores, três, foi a rosa, amarela e a marrom.”

Figura 39 - Aluno 5 e as cores de terra que usou



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

2º Momento

No segundo momento eles foram para a sala de aula e foi projetado os slides com as imagens da produção de cada aluno no objeto de aprendizagem feito no computador. A reação deles foi muito interessante, eles sentiam-se empolgados e importantes ao ver seu trabalho exposto, tendo um certo orgulho de sua cor de pele e com o que ela se parece. Houve muita interação entre eles e troca de opiniões sobre as obras uns dos outros, como pode-se observar na Figura 45.

Figura 40 - Projeção atividade alunos Objeto de Aprendizagem



Créditos fotográficos : Eliza D. G. Reis

Concluimos os encontros com muita alegria e satisfação, percebendo claramente a mudança de posicionamento dos alunos em relação à cor de sua pele, o que outrora parecia motivo de vergonha e rejeição. em sua maioria pude perceber o orgulho e satisfação; o que nos dá a sensação de realização, vendo o desenvolvimento do autorreconhecimento, autoidentidade, autoestima e autonomia. Como Rosana Pereira Moura afirma: A arte não tem: nacionalidade; partido político ou classe social; o que realmente importa é o objetivo de envolver o ser humano ou de embelezar, instigar o pensamento criativo, demonstrando o poder que a arte tem sobre nós. (MOURÃO, 2011 p. 11)

CAPITULO 3 - O ENSINO DE ARTE E OS TONS DE PELE

Durante todo o percurso deste projeto, observamos a importância do ensino de arte na educação de adolescentes e jovens. Eles têm uma necessidade de se expressar muito forte, deixar sua marca, mostrar que são únicos e diferentes. A arte lhes dá esta oportunidade.

O projeto *A Arte e os Tons de Pele* foi um divisor de águas para muitos que aprenderam a se enxergar não sob a influência do eurocentrismo, mas perceber e reconhecer a realidade de sua cor, e o contexto histórico no qual está envolvido; descobrindo que pode construir seu caminho e sua história, se valorizando, se respeitando e reconhecendo a diversidade e a singularidade de cada um.

Esta pesquisa me fez entender que uma das consequências mais trágicas do Racismo Estrutural foi a desfiguração da pessoa negra. Ela perdeu completamente sua identidade, autoestima, o direito de ser quem realmente é; condicionada a agir, pensar e se transfigurar para se parecer com o branco.

Ocorreu um fato em que comprovou esta realidade: O aluno 8 de cor preta, mesmo diante das atividades sobre os tons de pele, ainda manifestou vergonha em assumir a sua cor, como se fosse algo humilhante, e que o diminuísse diante dos outros, pois o aluno 5 havia pintado sua mão, que ele também já tinha pintado.

Figura 41 - Mão do aluno "8" pintada pelo aluno "5"



Créditos fotográficos: Eliza Reis

Figura 42 - Mão do aluno "8" pintada por ele mesmo



Créditos fotográficos: Eliza Reis

Mas quando viu a cor que o colega tinha colocado como tom da sua pele, ele discordou muito, mas o aluno 5 se posicionou e não quis mudar o tom. Foi então trabalhado com eles o respeito à diferença de opinião. Tanto o aluno 5 podia pintar a cor com a qual enxergava o aluno 8, como o aluno 8 podia pintar sua mão com a cor que a si mesmo enxergava. Houve-se a percepção de que o aluno 8 ainda não havia conseguido aceitar seu real tom de pele, mas que isto só poderia ser construído aos poucos por meio da conscientização e o entendimento da valorização dos negros e afrodescendentes; que infelizmente muitos ainda estão debaixo do manto da ideologia da supremacia branca.

O Brasil é um país multicultural, sendo necessário constantemente a abertura de espaço sobre temas como o racismo, diversidade e outros. Os alunos 8 e 5 conseguiram respeitar a opinião um do outro, sem criar uma discussão ou um ambiente hostil na aula, porque já haviam passado pelo processo de ensino e aprendizagem deste tema no projeto *A Arte e os Tons de Pele*. Ana Mae Barbosa fala de sobre este assunto:

Atividades como identificar as formas de arte que importam em uma variedade de culturas e subculturas seria uma estratégia que poderia levar a uma atitude multiculturalista. Educação multiculturalista permite ao aluno lidar com a diferença de modo positivo na arte e na vida. (BARBOSA, 1998 p.95)

O tema das Relações Étnico-Raciais precisa estar o ano todo sendo abordado nos currículos da escola, de forma transdisciplinar, interdisciplinar e em aspectos diversos da vida do aluno: Biológicos, históricos, geográficos, na dimensão estética da arte e outros mais. No entanto para que isto ocorra, faz-se necessário primeiro uma conscientização da importância deste tema tanto na mente dos gestores e professores; e a devida capacitação; pois muitos preferem se abster de tratar este assunto, porque gera polêmicas e debates, que necessitam de intervenção. Em entrevista ao Portal Cenpec, Maria da Glória Calado declara:

Apesar da relevância e da representação de um avanço, é necessário destacar que mudanças legislativas não alteram sozinhas os espaços escolares tampouco a sociedade, dessa maneira, ainda há muito a ser feito no tocante à implementação da lei e, em especial, à formação de professores antirracistas. Pode-se dizer também que a lei rompe com um silenciamento ainda maior que acompanhava o tema em décadas anteriores. (CALADO, 2021 p.3)

A Lei 10.639/03, não pode ser cumprida apenas no mês que se comemora o Dia da Consciência Negra, pois o aluno vive a realidade de uma sociedade racista todos os dias na maioria dos espaços por onde circula. Categoricamente é bem melhor trabalhar com o aluno, que ainda é um adolescente e está na escola para aprender, do que amanhã ele se tornar um perigo para a sociedade com atitudes criminosas e violentas de âmbito racista.

Muitos que possuem a pele de cor preta ou parda passam a cometer o racismo reverso, o que contribui para o aumento da situação intolerante que permeia nossa sociedade deste o colonialismo. Segundo Luciana Alves et al. o racismo faz parte de nossa sociedade que é

(...) marcada estrutural e institucionalmente pelo racismo, a institucionalização de uma nova maneira de educar, voltada para a equidade racial, pressupõe amplo projeto de ressignificação do papel social da escola, bem como das relações estabelecidas dentro e fora dela (ALVES et al, 2022, p.461).

Este papel social da escola é algo incontestável, mas muitas vezes esquecido ou deixado de lado. A pluralidade de ideias e opiniões vem sendo cada dia ampliada, todos tem o direito de se manifestar nas redes sociais, mesmo que sujeitos às consequências do que publicar causando danos a alguém ou a sociedade.

No percurso das atividades desta pesquisa, a percepção que tive foi que por meio da linguagem artística, questões polêmicas, complexas, sensíveis e muitas vezes dolorosas de se trabalhar; podem ser abordadas de uma forma sublime, lúdica, interativa.

À medida que os alunos foram elaborando os processos de criação, acontecia a troca de ideias e opiniões; quando um discordava da cor que determinado aluno tinha pintado de si mesmo, o outro simplesmente sorria e tentava reelaborar; e quando não aceitava a opinião, só dizia: Esta é sim minha cor, sem agressões ou ofensas. Compreende-se então que por meio do ensino de arte esta questão da diversidade e relações étnicas, podem ser abordadas de uma forma que alcance o que está explicitado na BNCC:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. (BRASIL, 2018 p. 195)

Avaliei também que o protagonismo do aluno 5 foi muito bem notado, quando, mostrou e afirmou ter se desenhado de kimono, porque praticava Jiu-Jitsu e gostava muito do que fazia (Figura 42). Ele não estava somente retratando sua cor, que era o foco da atividade, mas escolheu falar mais de si mesmo, algo que ardia dentro dele, de sua vida, um compartilhamento de parte de sua identidade social. O fato de fazer suas próprias escolhas, já o início do caminho para a autonomia e senso crítico.

Desta forma, pode-se afirmar que o projeto *A Arte e os Tons de Pele*, alcançou mais uma competência específica de Arte para o Ensino Fundamental: “Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes” (BRASIL, p. 198); o que realmente é uma necessidade relevante na vida de qualquer ser humano, principalmente na dos adolescentes e jovens, que são o presente e o futuro de nossa nação.

CONCLUSÃO

Todo o percurso desta pesquisa agregou experiência, vivência e conhecimento. Em cada oficina, observando as atitudes dos alunos, foi se construindo a base de nosso trabalho, que se iniciou com a afirmação: *A Arte e os Tons de Pele*; no entanto percebi que na verdade tratava-se de uma indagação, que mexeu com cada um envolvido neste projeto.

Durante a aula abordando a pintura com materiais alternativos, os alunos precisaram misturar vários tons de terra para elaborarem aquele mais próximo do tom de sua pele, do início até o fim da pintura das mãos experimentaram a dimensão da Criação. Eles tiveram que fazer as escolhas, se expor e compartilhar, muitos conflitos e indagações vieram à tona, contudo estavam preparados para agir de maneira positiva, pois já haviam passado pelo processo de ensino e aprendizagem a respeito disto. A arte tem esta capacidade de ser um instrumento ou meio de se transpor situações, sentimentos e conceitos, como o racismo, a intolerância, a auto rejeição e outros.

O Ensino de Arte e os Tons de Pele é um projeto que pode ser utilizado pelos docentes como cumprimento da Lei 10.639/03, pois abrange as temáticas das relações étnicas sociais; trabalha a questão racista envolvendo obras da Arte Clássica, Moderna e Contemporânea, com enfoque no percurso na história dos negros e afrodescendentes até os dias de hoje; discriminação racial, preconceito, autorreconhecimento e autoidentificação.

Atualmente na cultura visual já não se vê uma hegemonia dominante da raça branca, mas uma resistência e presença das imagens de pessoas negras propagando os valores e característica da cultura afro-brasileira. Estão ocupando territórios em espaços outrora dominados pelo eurocentrismo. Todavia para mudar o presente, é preciso compreender e aprender com o passado, estar atentos para não agir movidos pelo ódio ou revoltas, mas procurar entender cada vez mais sobre a diversidade, individualidade e coletividade.

O ensino de Arte tem esta maleabilidade de ir e vir por toda a história sem se comprometer com ideologias e pensamentos existentes; apenas revela, denuncia e reflete o que está nas mentes e intenções tanto daqueles que exercem o poder, como dos

subalternados. Mas é preciso conhecer para saber se posicionar, segundo Ana Mae Barbosa:

Contudo, a descolonização não significa desprezar o código europeu, mas se recusar a elegê-lo como modelo único, embora seja importante, para todas as classes sociais estudá-lo e conhecê-lo, pois é o código do poder, e sem conhecer os códigos do poder ninguém chega a ele muito menos o transforma (SMITH, 1991 apud BARBOSA, 2021 p. 204)

Nesta pesquisa concluímos sobre a importância e a urgência de relacionar o ensino de arte às questões que envolvem a diversidade, autoidentificação, autoconhecimento e racismo. A troca de experiências e conhecimento foi muito rica, mesmo que algumas se originaram de forma empírica. A dignidade do ser humano está em se valorizar e valorizar o outro, não fazer ao outro o que não gostaria que fizessem consigo mesmo. Na convivência com o outro é que nos encontramos, como nos afirma FANON: “O corpo é visto pelo outro, vê o outro e permite-nos imaginar como o outro nos vê. Esta terceira dimensão é fundamental para o desenvolvimento dos nossos papéis sociais e do nosso posicionamento em cada situação.” (FANON, 2016 p. 3)

No entanto o ensino de Arte que muitas vezes é desmerecido por aqueles que não são da área, deixa de ter o espaço merecido na educação; mas cada docente deste componente curricular pode fazer a diferença na forma de ensinar para que seus alunos alcancem os patamares mais altos que o conhecimento da arte pode lhes conferir, como seres humanos mais sensíveis, autônomos, críticos e verdadeiros cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALFANO, Bruno. **Projetos nas escolas públicas contra racismo, machismo e homofobia** caem ao pior patamar em 10 anos, aponta levantamento. O Globo, Rio de Janeiro, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/07/25/projetos-nas-escolas-publicas-para-combater-racismo-machismo-e-homofobia-nunca-foram-tao-poucos-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em 01/12/2023.

ALVES, Luciana; TEIXEIRA, Daniel e SANTOS, Winnie Nascimento dos. **Educação da Infância e Combate ao Racismo**: a implementação da lei nº 10.639/2003 na percepção de professores e professoras. *Rev. bras. Estud. Pedagog.*, Brasília, v. 103, n. 264, p. 450-465, maio/ago. 2022.

BARBON, Lilian Patrícia. **O autorretrato fotográfico na arte contemporânea**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em Artes Visuais, Florianópolis, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte na Pedagogia**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 200-209, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte> Acesso em 25 nov 2023

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Editora: C/Arte. Belo Horizonte, 1998.

BERNARDINO-COSTA, J. (2016). **A prece de Frantz Fanon**: oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!. *Civitas: Revista De Ciências Sociais*, 16(3), 504–521. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.3.22915>

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 15 de ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CALADO, Maria da Glória. **Por Uma Educação Antirracista**. Portal CENPEC Educação, dez. 2021. Disponível em: https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Gloria_Por-uma-educacao-antirracista.pdf. Acesso em 12 ago. 2023.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos**. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012

CANTON, Kátia. **Estudo de caso da Exposição Espelho de Artista**. Museu de Arte Contemporânea de São Paulo – USP. São Paulo, 2001.

DASS, Angelica. **Humanae - Work In Progress**. 2012. Disponível em: <https://angelicadass.com/photography/humanae/> Acesso em: 11 jun. 2023.

EGLER, Sophia. **Arte/Educação das Relações Étnico-raciais**, Possibilidades e Limites da Lei 10.639/2003 no Âmbito da Arte/Educação Brasília. Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**; tradução de Renato da Silveira. EDUFBA. Salvador, 2008.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de Método na Construção da Pesquisa em Educação**. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. **Introdução do livro História geral da África vol. 1**. Editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofá. **O Corpo Negro na Cultura Visual Brasileira**

LAFONT, Anne. Tradução Liliane Benetti e Lara Rivetti. **Como a Cor de Pele Tornou-se um Marcador Racial: Perspectivas de Raça a partir da História da Arte**. Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2109.

MATTOS, Nelma Cristina Silva Barbosa de. **A Arte Visual Afro-Brasileira: Considerações Sobre Um Novo Capítulo no Ensino da Arte**. Revista Eixo, v. 6, n. 2 (Especial). Brasília-DF, nov 2017

MOURÃO, Rosiana Pereira. **Os Pigmentos Naturais Existentes na Região do Acre e o Seu Ensino nas Aulas de Arte nas Escolas do Município de Tarauacá**. Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes em Artes Visuais. Universidade Aberta do Brasil Universidade de Brasília Instituto de Artes Departamento de Artes Visuais. Tarauacá– Acre 2011

NAPOLI, Isabel Carpes. **O Autorretrato na Arte Contemporânea**. Disponível em: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/o-autorretrato-na-arte-contemporanea.htm#indice_3 Acesso em 23 nov 2023

PAIXÃO, Janine Pretti Santos Neves. **Projeto Minha Cor, Minha Digital: Um Relato De Experiência**. III COPENESUDESTE. Campus de Goiabeiras, Almor de Queiroz Araújo. Vitória-ES, 2019.

PESSOA, Helena Gomes dos Reis. **Retrato/Autorretrato**. Tese de doutorado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

WANDEKOKEN, Bruna. **Cor, Retrato e Identidade: Humanae, o olhar sobre si e sobre o outro** na obra de Angélica Dass. Trabalho apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.